

notícias
M A G A Z I N E

EURO 2004

"EM PORTUGAL DECIDE-SE
COM O CORAÇÃO!"

QUEM O DIZ É MARTIN KALLEN, RESPONSÁVEL
DA UEFA PELO EUROPEU DE FUTEBOL



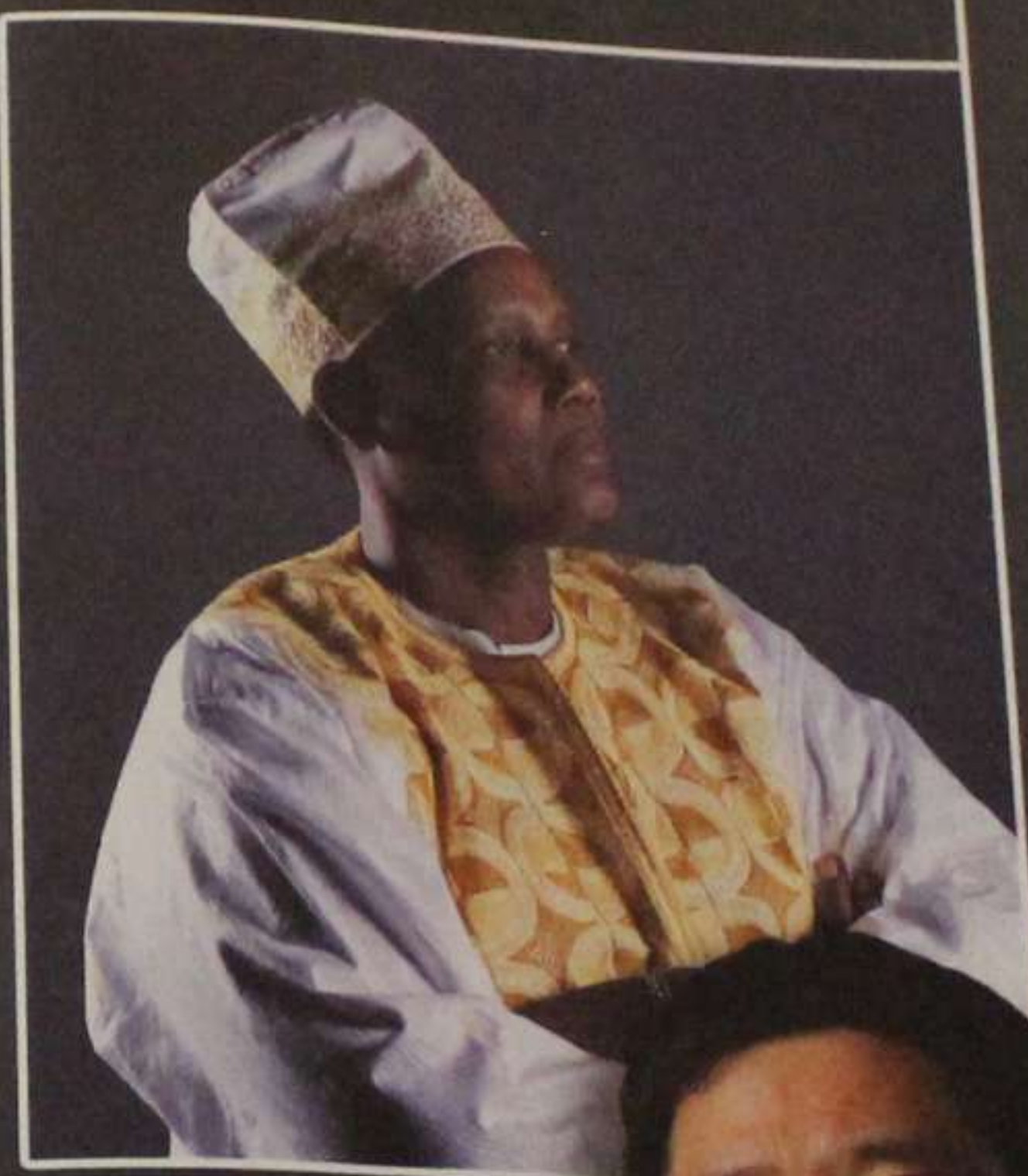
GUTERRES
ISABEL,
A CATÓLICA
COM ELE!



IMIGRANTES
ELES
IMPORTAM-SE!



imigrantes **ELES**
IMPORTAM-SE



| Imigrantes | A Europa não sabe o que fazer da enxurrada de imigrantes que diariamente se materializam nas suas fronteiras. Portugal muito menos. Aos primeiros passos para dar conta de um fenómeno que está definitivamente portas adentro — tem de ser — vale a pena perceber que redes apoiam estas pessoas em situações quase sempre muito vulneráveis. A NM apresenta-lhe seis dos líderes de algumas minorias instaladas em Portugal. Pessoas com os mesmos problemas de integração que os seus conterrâneos mas que se desdobram em mil para os resgatar da sombra da miséria sem papéis para o dia da cidadania normal. Todos os dias têm de estar cobertos de razão para dar largas ao que só pode ser um grande coração | Texto de Teresa Maia e Carmo | Fotografias de Abílio Leitão

JÁ TODOS PERCEBEMOS QUE O PAÍS SE TORNOU MULTICOLOR, multilinguístico, multi uma data de coisas. Mesmo que seja um mistério para a maior parte o que faz vir tanta gente de cascos de rolha para se instalar na terra dos selos e requerimentos onde a gamela mal dá para os que estão, quanto mais. Aguentar a estopada de horas em filas humilhantes à mingua de um papel, coisa de nada para nós-ou-tros, um bilhete de identidade, uma autorização de permanência que os furte ao comando mafioso dos homens das trevas, uma nova clique de

gente especializada em passaportes e conversas de vão de escada com empreiteiros lambões. É vê-los nas estações de comboios e no aeroporto com as suas bagagens exageradas, arranhando mal duas ou três de portugueses com a insídia magoada da adversidade, mas com um estranho brilho nos olhos de quem vem encontrar o paraíso no fim do mundo. E, no entanto, o sonho emigrante deve ser dos fenómenos mais partilhados do final do século xx e início deste. Estima-se que neste momento sejam 175 milhões os seres humanos

que vivem fora dos países que os viram nascer. Esta multidão de errantes esconde histórias de gente verdadeira que um dia amadureceu a decisão de deixar os seus, no que de nosso têm a língua, a família, os amigos, a cultura em que nos temperamos para ser, para traçar um futuro mais seguro para si e para os seus. Um bocado como fez Corto Maltese com a navalhada que desferiu na palma da mão para aumentar a linha da sorte.

Só que às vezes a coisa não sai como no sonho. Anda-se a alombar com baldes de cimento e esfregonas e depois o patrão não paga. Dá-se por paus e por pedras mas os filhos adoecem ou crescem e perdem o juízo, os dias passam e a situação não melhora, cresce uma sensação de andar a aquecer o forno para outros comerem o pão... as noites repassadas de melancolia podem fazer uma pessoa passar-se. E depois é-se preso, ou morre-se, estranho numa terra estranha. Temos uma legião de novos deprimidos que sonham em estrangeiro. E temos um problema. Quando a vida se revela um naufrágio, já se sabe, não são os Estados que desenrascam uma pista. São pessoas como estas que vêm a seguir, que tiram do seu (tempo e dinheiro e coração) para ajudar aqueles para quem a palavra "integração" pesa como uma urgência. O que fará correr estes homens e mulheres que já de si estão desterrados e vivem a mesma luta por um futuro risonho? Ralam os figados a escrever cartas em portu-

guês para tudo e mais um par de botas, levantam-se a meio da noite para sacar gente dos apuros de aeroporto, estudam as letras miúdas da legislação e tornam-se especialistas em segurança social e imobiliária de preço modesto. É complicado, dizem. Não havia de ser. Mas dizem-no com a reticência ligeira de quem não dá demasiada importância à lamúria e sabe que mais vale andar para a frente.

Senão vejamos. A menos que se coloque uma metralhadora em cada quintal do espaço Schengen, os imigrantes continuarão a vir e, pior, precisamos mesmo deles. Deixá-los de nos reproduzir a um ritmo suficiente para assegurar a vertigem consumista dos nossos dias, queremos estradas e prédios novos, escritórios limpos e expostos e euros e outros futebóis, mas já não temos "posição" para fazer a basezinha, quer dizer, o trabalho no duro. E há uns poucos de números que tiram um retrato da situação a que chegámos [ver caixa "Os números da imigração"]. Todos os dias aportam camionetas carregadas de uma legião incontabilizável de clandestinos, grande parte familiares de imigrantes com AP (autorização de permanência) mas ainda sem direito ao reagrupamento familiar. Só em Fevereiro último a União Europeia aprovou a directiva sobre o direito de reunificação familiar, que é o primeiro instrumento comum de definição das políticas de imigração. Quer dizer, a UE tem um problema grave para o qual despertou

tarde e a más horas e revela uma dificuldade gritante em lidar com ele.

É evidente que quem entre na Europa dificilmente volta a ser rastreado, por via da livre circulação de pessoas no espaço comum. Quando o é, porém, que fazer? Alguns países (poucos) construíram já centros de acolhimento para imigrantes ilegais, mas na maioria — incluindo Portugal — ou são detidos juntamente com os presos de delito comum ou é-lhes fixado termo de identidade e residência — o que na prática é o mesmo que nada. Ora, falamos de pessoas que não cometeram qualquer crime e que ficam detidas em prisões que não estão vocacionadas para este tipo de detidos. Segundo um estudo da Universidade do Minho, a população de Leste cresceu 350 por cento nas cadeias portuguesas nos últimos dois anos. E as expulsões saem caras ao Estado português. Só em 1999, por exemplo, o SEF gastou mais de 120 mil contos em custos de repatriamento, ficando cada um na ordem dos 600 contos.

O endurecimento das políticas comunitárias cria mais pressão sobre o elo mais fraco dos 15 — somos nós! —, o que deu origem à nova Lei da Imigração, de 25 de Fevereiro de 2003. Bastante criticada pelos sectores que têm a mão na massa, apresenta contudo duas vantagens: a criação de medidas a montante do problema, como a redefinição da rede consular, controlando o fluxo migratório a partir dos países de origem, e a jusante transformando o

emprego de ilegais numa actividade de risco, com muitas mais severas para os que lucram abusivamente com a imigração ilegal, responsabilizando toda a cadeia, do empregador ao dono de uma obra. No entanto, não contempla os cerca de 200 mil clandestinos, não dá grandes largas ao pleno exercício de cidadania (o estigma de ter de tratar de todos os assuntos... na polícia, por exemplo) e não favorece o reagrupamento familiar. Mas enquanto Portugal estiver em ciclo negativo, com o desemprego a crescer a olhos vistos, *etcetera*, é preciso que se controle a afluência de estrangeiros, diz-se.

Na verdade, a integração dificilmente se decreta. No barril de pólvora em que a globalização transformou os países "ricos" inchados de "pobres" a reventar pelas costuras, a ferrugem do real tira-nos dos números para as pessoas. São necessárias "medidas de excepção" diárias. Num país como o nosso, com mais de sete milhões de emigrados, é legítimo suspeitar que todos estes andarilhos sonham o mesmo sonho, numa babel cacofónica mas humana, demasiado humana. É que trocar as voltas à buena-dicha não é uma atitude de desgraçado, ao contrário do que a gorda mentalidade europeia tende a pensar (?). É prova de um sentido de construção e uma atitude ambiciosa que, em igualdade de oportunidades, pode criar uma fonte de gente altamente válida para qualquer sociedade que se preze. Mesmo que nos tenha cabido viver numa época cinica que considera a ajuda desinteressada uma causa perdida, e tende a atribuir ao acaso as acções da vontade, pode ser exemplar conhecer estes líderes de algumas minorias radicadas em Portugal, que secretamente começaram a amar as nossas cidades.

Os números da imigração

Os dados do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) referentes a Novembro de 2002 apontam para um total de 423.580 imigrantes legais, incluindo 235.627 residentes e 169.953 com autorização de permanência. Por países de origem fica assim ordenada a imigração em Portugal: Ucrânia (60.571); Cabo Verde (59.678), Brasil (58.370), Angola (31.332), Moldávia (11.817), Roménia (10.673), São Tomé e Príncipe (8915), China (8153), EUA (8116) e Rússia (7096), para nos ficarmos pelo *top ten*. Dentro destes totais a nova vaga de imigração é composta por pessoas portadoras de autorização de permanência (AP), com características diferentes e claramente em situação mais precária do que a dos anteriores, portadores de visto de residência.

Os ilegais, justamente por isso, não estão contabilizados, mas as estimativas divergem. O governo situa-os nos 50 mil e, recentemente, um dirigente sindical do SEF avançava com o número alarmante de 200 mil. Gonçalo Rodrigues, em declarações ao Pú-

blico de 12 de Fevereiro último, baseia as suas contas nos processos extraordinários de legalização e na quantidade de familiares de imigrantes regularizados que entram diariamente no país, recordando que quando iniciou o último processo de legalização extraordinário o governo contava regularizar 50 mil pessoas e em pouco tempo chegou às 200 mil.

Quanto ao desemprego, os últimos dados do Instituto de Solidariedade e Segurança Social dão conta de 15 mil imigrantes legais desempregados (ainda assim uma percentagem muito inferior à média nacional), dos quais só 4905 estão a receber subsídio de desemprego. É que é preciso ter 540 dias de trabalho, com registo de remuneração nos 24 meses anteriores à data do desemprego. Os encargos do Estado com estes subsídios ascendiam a 2,15 milhões, ou seja, 447 euros mensais por cabeça, em Dezembro de 2002. Por outro lado, o impacto das contribuições dos imigrantes nas contas do Estado foi de 67 mil contos em 2001.

Fizeram-se dois processos de legalização, em 1992 e 1996, mas o grande ponto de viragem foi 2001, ano em que a imigração cresceu brutalmente, em boa parte graças aos cidadãos prove-

nientes do Leste Europeu, que quase duplicaram nessa altura, vindos sobretudo através do consulado alemão em Kiev. A Moldávia e a Ucrânia não têm representação consular, por exemplo (o MNE já anunciou a abertura de uma algures nesta zona), e estes cidadãos têm de ir a outros países (normalmente a Roménia) para obter um visto, processo normalmente difícil e demorado, o que os deixa em situação muito frágil.

A pressão demográfica dos clandestinos aumentou e o reagrupamento familiar faz-se, evidentemente, à margem da lei. A uma população de homens sozinhos vêm juntar-se aos poucos mulheres e filhos, entrados com vistos turísticos que vão prorrogando — o que significa que elas não podem trabalhar nem os filhos estudar. Mas tudo se ajeita. Num estudo do Ministério da Educação, referente a 2001/2002, fica a saber-se que o número de crianças vindas de Leste inscritas no ensino básico quintuplicou em cinco anos e tende a acentuar-se. Foram detectados 17.535 alunos com outra língua materna que não o português, num total de 230 línguas diferentes (os dados anteriores referenciavam 1992).

Da mesma forma que descobriu este anúncio, descubra como está o seu colesterol.

Uma campanha Pfizer

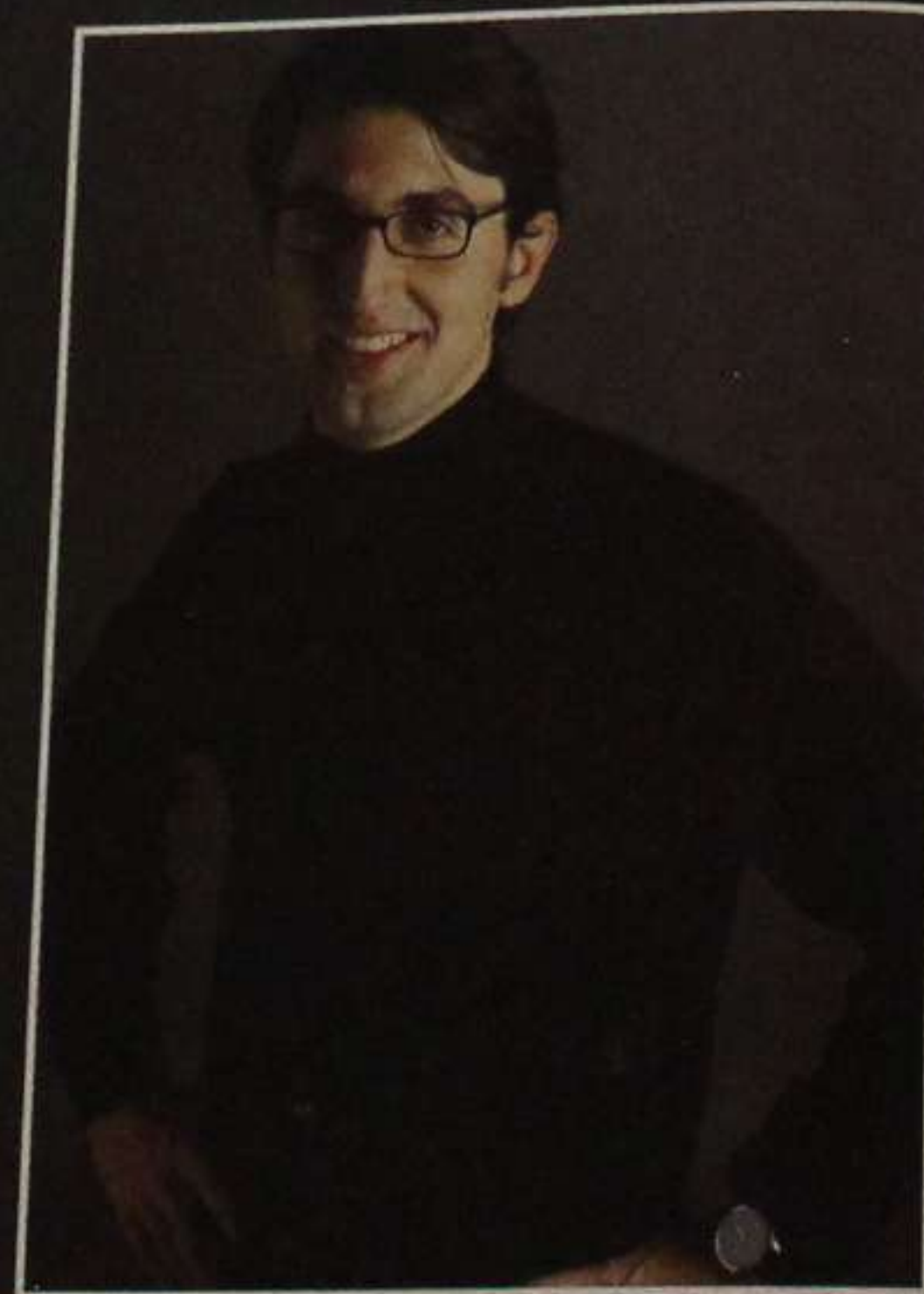
COLESTEROL CUIDADO COM ELI



Para São Tomé, com amor

A enfermeira Elsa é uma mulher de lutas com o destino. Mãe solteira a estudar em Portugal nos anos setenta, não foi de modas. Escreveu a Marcelo Caetano a pedir uma bolsa e ele deu. Foi o princípio do caminho que a faz achar-se "sorteada", a ajudar outros como antes a ajudaram a ela

Do baptismo, esse forjar de caminho sempre sem retorno, fica a data, o nome e o espírito. A Cloçon Betu, coração aberto em crioulo, nasceu em 1999 para ajudar os são-tomenses mais carenciados, cá e lá. É uma associação que trabalha sobretudo na esfera da saúde, composta por médicos e enfermeiros, maioritariamente trabalhadores do Estado. Tem cerca de 150 associados que pagam um euro por mês como quota ou "o que puderem". O que se faz com este pouquinho? A pergunta surge um tanto insólita a Elsa Costa Andrade, 49 anos, enfermeira graduada agora destacada nos serviços de vacinação internacional, ali à Avenida 24 de Julho. Como se isso fosse relevante. "Vivemos dos sócios, mas não chega. Temos pequenos apoios como a máquina do café, da Delta, pastas e canetas da Caixa Geral de Depósitos... e donativos. De pessoas que conheço, da Cruz Vermelha, da Abraço, que dão roupa, sapatos, livros e canetas - tudo novo - e nós pomos do nosso dinheiro." O que realmente faz vibrar esta mulher grande, de físico generoso e cabelo avermelhado, é o que está por fazer. "Não há nada que se ocupe da saúde dos imigrantes na linha de Sintra, pelo que estamos a pensar em pedir apoio à Junta de Freguesia do Cação e à câmara. Somos poucos mas damos apoio a um vasto número, e ali é mesmo preciso." A comunidade são-tomense é a



sétima, terceira dos PALOP, a seguir às de Cabo Verde e Angola, com cerca de nove mil pessoas, três mil das quais ilegais, a viver sobretudo na Grande Lisboa. "É uma comunidade humilde e antiga, com cesso e complicado, mas as pessoas continuam a vir... os respectivos países devem chegar a acordo para lhes dar melhor qualidade de vida", afirma. Enquanto esse acordo não vem, a Cloçon Betu faz o que pode. Em Dezembro de 2000 foram dar-se a conhecer em São Tomé e desde então não param. "Voltámos dois meses depois para um encontro de quadros, com a Associação Terra-Mãe, sobre paludismo, diabetes e hipertensão. Ainda nesse ano regressámos para uma acção de formação em aleitamento materno. Fomos em 2002 fazer vacinação (de hepatite, sobretudo) e, como sempre, levámos roupas e donativos" - Elsa respira fundo e tira por um momento os óculos de cordão que traz ao peito. Percebe-se que é uma lutadora forjada numa vontade inamovível.

Veio para Portugal em 1972, para estudar. Queria ser hospedeira, mas os pais preferiam que fosse para enfermeira. Ficou órfã de mãe aos sete, o pai era guarda-fiscal, "não era uma vida brilhante, mas não era má". Dos vinte filhos que o pai teve, Elsa foi a única que veio. "Contrariei-o porque tinha de atingir o meu objectivo: o que eu penso tenho de fazer." Aos 19 anos veio para um sítio onde não tinha família e começou o curso no IPO. Só que entretanto tinha-se tornado mãe solteira. "Tive de parar um ano porque, na minha ingenuidade, fui dizer que estava grávida! Uma irmã, que dava apoio a mães solteiras, acolheu-me..." - e, espera aí que já te digo - "escrevi uma carta ao senhor Marcelo Caetano relatando tudo isto". Nela dizia que era mãe solteira e não queria ser doméstica pelo que simplesmente precisava de uma bolsa para estudar. "E tive! Três mil escudos - não era mau! Sou uma mulher sorteada."

A filha hoje é advogada e o filho que veio depois está a acabar o 12.º para ser engenheiro informático. Elsa saltitou por vários hospitais e concluiu, entretanto, a licenciatura. No centro das suas preocupações está a sida. "A malta africana tem muito. Queremos fomentar o uso do preservativo porque, cá como lá, algumas pessoas não acreditam que se pega pelo sexo." A associação tem parcerias com a Abraço e a Comissão Nacional de Luta contra a Sida, com quem organiza jornadas periódicas.

Elsa sabe que não é chegar e pôr ao fumeiro. "Acredito que primeiro é preciso conquistar o povo para depois actuar. Porque os são-tomenses sabem tanto ou mais do que nós." No terreno, têm apoio do governo, mas com o rebuliço de quedas sucessivas a continuidade dos projectos é afectada. A trabalhar a tempo inteiro, percebe-se mal onde arranja o tempo para tudo isto. "Tiro das férias. Pelo menos 15 dias, sempre, para dar à associação. Isto ocupa-me diária e semanalmente... vai-se fazendo. É que eu tenho muitas ideias. Sou uma sonhadora um bocadinho ambiciosa. Penso escrever um livro sobre como acabar com a fome e a pobreza no mundo. O meu maior sonho é contribuir para São Tomé." O que a faz correr começou por um sentido de gratidão para com a vida. "Eu fui muito ajudada. E todos merecem isso. Acredito muito em Deus, mas sei que Ele está dentro de nós e não nos pode ajudar se não fizermos a nossa parte: temos de lutar e trabalhar."

Ela luta que se farta, sem queixumes alguns. "Na Assembleia não há nenhum africano. Mas será que algum já lutou para isso? Temos de lutar mais, somos uma minoria." Nada acontece de geração espontânea. "É preciso muito trabalho para as coisas acontecerem. As pessoas pensam que o mundo é só dos ricos. Mas os pobres também têm de viver, e os ricos têm de dar a sua parte." Falou e disse. Os partidos não estão por acaso a precisar de preencher umas quotas, não?

O arquitecto da solidariedade

Entre duas chamadas e uma bica, Mihai Varzan dirige a Associação Mircea Eliade que faz o que pode e o que não pode pela integração dos romenos

Por que vêm aos magotes os romenos? Porque há trabalho! "Constrói-se imenso em Portugal. As pessoas vêm atrás do trabalho e aqui não pára." A constatação é espantosa, em conjuntura de queixa generalizada da crise. Mihai Varzan, 29 anos, é uma personagem improvável no papel de dinamizador de uma associação que ajuda os romenos desaguados a orientar-se. É um moreno alto e esquelético, que se veste na mais moderna das tradições, passando por um português regular (talvez mais bonito) nas noites da Lux. Queria apenas fazer uma associação com objectivos culturais, donde o belo nome do antropólogo que foi adido cultural em Portugal nos anos quarenta. Mas ago-

ra passa boa tarde do seu tempo a desentascar gente no aeroporto, nas bichas do SEF ou a moderar sarilhos com empreiteiros.

Veio por amor. Conheceu Maria, que fazia um Erasmus em arquitectura na Roménia - passado um ano veio ele a experimentar "viver junto e ver como era". Estávamos em 1997/98, Mihai regressa para concluir o ano de vésperas de ser arquitecto, volta, casa e fica. Nada de muito extraordinário para essa família de corredores de mundo. Os avós, gregos e albaneses, emigram para a Grécia, passam pela Bulgária e aterram em Bucareste, onde nasce a mãe. Depois da guerra, o avô paterno entra para a política pela porta direita, azar, e é morto. Este ne-

to, filho de engenheiros, ainda alimenta umas contas por saldado com o regime Ceausescu. O outro avô foge

É assim que o mau colesterol deixa as suas artérias entupidadas.

Uma campanha Pfizer

COLESTEROL CUIDADO COM ELE



O vidente

Mestre Kaússô Baldé vê para dentro e vê para fora. Proporcionar o melhor aos guineenses cá e lá é uma das suas várias devoções

Os cinco mil guineenses em Portugal constituíram-se em 11 associações, não fazem por menos. Na Guiné existem actualmente 21 partidos, o que ajuda a explicar esta proliferação associativa. Mas a Associação Unida dos Emigrantes da Guiné-Bissau em Portugal é especial. Vive praticamente às costas e às custas de Kaússô Balde, 51 anos, que um dia se fartou da política e resolveu "ajudar o povo". Vidente, e mais conhecido como Mestre Kaússô Balpovo. Ali às portas de São Bento, o seu consultório é uma roda-viva de gente, mais clara que escura, por acaso, que o descobre através do marketing mais eficaz: o boca-a-boca, o diz que sim, resolve, cura. "Não posso anunciar na rua nem no jornal, porque é uma coisa sagrada, vem de Deus." Baldé, fervorosamente muçulmano, descendente de longas gerações de curandeiros - "sou um dos conhecedores dos tratados da natureza em África". E o que vê um vidente? "Problemas do corpo e da alma. Uns posso resolver, outros não. É a vontade de Deus. Recebo quarenta a cinquenta telefonemas por dia, a casa está sempre cheia. E nunca tive uma reclamação", garante.

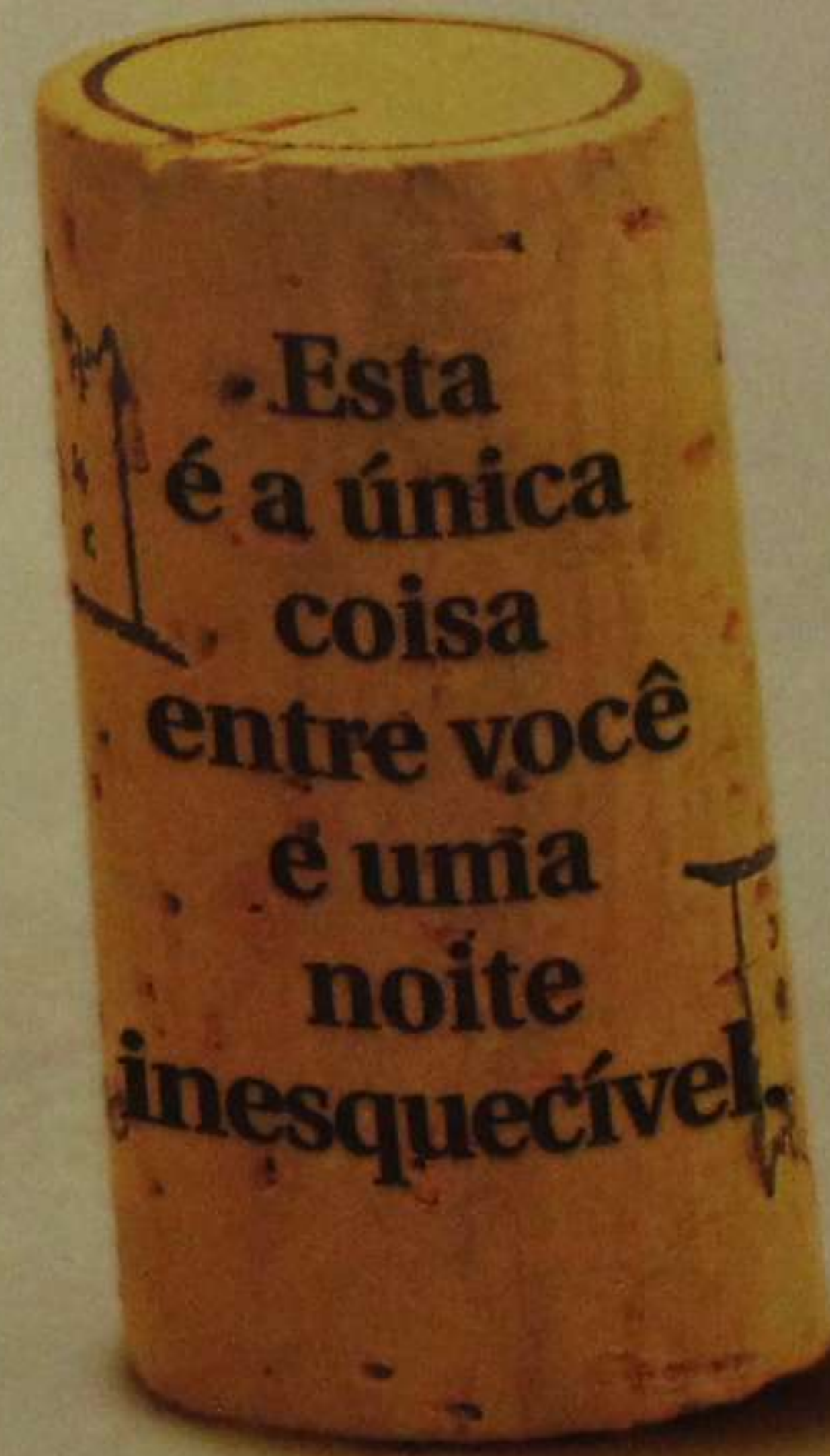
Este homem corpulento, de falar baixo, levanta-se às duas da manhã para rezar e ler o Alcorão, até às cinco. Todos os dias. Foi aos oito anos estudar para o Senegal e só voltou à Guiné aos dezasseis. Veio para Portugal em 1979 "para melhorar de vida, não para ficar permanente" e "todo o dia tenho o sonho de voltar", sublinha. Depois do golpe de Nino Vieira, em 1981, resolveu que não. "Tudo ficou pior. Começou a guerra. Mas nenhum país europeu fez por nós o que Portugal fez. Salvou muitas vidas. Foi muito bonito, mas também muito triste." Mais tarde, com uma boa base portuguesa, financiou grande parte da ascensão de Kumba Ialá ao poder, mas também não era por ali. "Em 1994, pedi a demissão do partido. Entrei para a política para melhorar a situação do nosso país. Comecei a ver o comportamento deles e... já não me interessa. Mas continuo a ajudar." Aquilatando da democraticidade do regime, adivinham-se alguns riscos para esta postura... "Fico de boca caladinha. Mas se os jornalistas perguntam... digo tudo! Posso ir parar à cadeia. Mas o Kumba Ialá respeita-me. Eu era o número dois do partido." O envio regular de generoso auxílio há-de ajudar o seu pedaço. Aparelhos de fax e máquinas de escrever para a rádio nacional,

arcas frigoríficas para o banco de sangue, canadianas para os deficientes de guerra, equipamento desportivo para equipas de jovens, um leva-e-traz de gente com interesse em investir na Guiné.

Desde que preferiu implicar-se no destino dos conterrâneos de outra maneira, fundou a associação, em 1996, para apoiar os imigrados e desenvolver a Guiné. Tem três prioridades: ajudar os reclusos ("visitamo-los de três em três meses, levando os mínimos"), os doentes nos hospitais e integrar jovens problemáticos. "Depois dos assaltos às bombas, com pretos metidos, pensámos em tirar certas pessoas da rua." Concorreram aos dinheiros europeus com um projecto de informática ligado à contabilidade e ganharam. Com esses cem mil contos, escolheram os primeiros 15 dos mais de 500 candidatos, organizaram o curso de ano e meio e a primeira leva está toda empregada. Segue-se a segunda fase, para 15 outros. Para lá disso, a associação envia regularmente para a Guiné-Bissau conteúdos com ajuda humanitária, comida, roupa, medicamentos, livros, distribuídos pelo bispo de Bissau e organizações não governamentais, à cautela, "senão tiram tudo o que é bom para eles, primeiro", frisa.

O homem que acompanha Baldé, Francisco Fonseca, engenheiro e secretário geral da associação, residente em Portugal há 21 anos, faz questão de sublinhar num português perfeito: "O Mestre viu a situação em que estavam as pessoas e... teve a ideia. De 1996 para cá, já gastou mais de seis mil contos em ajuda aos guineenses." "Peço sempre ajuda a amigos europeus", acrescenta, humilde, Mestre Kaússô. Este homem próspero não esquece os seus 450 associados, maioritariamente muçulmanos que "trabalham nas obras e em limpezas", mas pensa em muitos mais porque acredita que "havendo estabilidade política a tendência é voltar". Não tem ideia de quantas horas por dia dedica ao assunto, mas fala das idas ao aeroporto a meio da noite, do telefone sempre a tocar e percebe-se que de facto põe muitas das 24 horas ao dispor da organização.

Por que o faz? A resposta sai em enigma. "Tem cinco euros. Tira um, dá aos idosos. Tira outro, dá às crianças. Mais um, para os pobres. O quarto fica consigo e o quinto põe de reserva. As pessoas que fazem o bem nunca têm falta. Saber repartir compensa mais que amealhar." A lógica da *zakat* muçulmana é levada a sério pelo mestre vidente, que vê longe mas perto também. Mesmo que o seu português entaramelado lhe pregue umas rasteiras, opina com propriedade sobre uma série de assuntos da contemporaneidade social e política, sempre com o tom temo mas lapidar que poliu ao longo dos anos. "O nosso país esteve governado por brancos 500 anos. Deviam ter ficado mais trinta ou quarenta para nos ensinarem. A entrega foi muito mal feita em toda a África." Ou, "os portugueses não querem cá mais imigrantes, mas não há nenhum país do mundo que não tenha portugueses! Imagine que os da África do Sul vinham todos?..." Pois. Justifica-se: "Há muitas pessoas que trabalham e não pensam. Eu trabalho. E penso. E preocupo-me", remata, enquanto alarga o meio sorriso que vinha a errar-lhe na boca. •



Monte Velho
A 4cm do Alentejo.